

Um espelho inconveniente

Raul Melo

RESUMO: Numa vulgar cena do quotidiano de uma instituição um espelho reflectiu imagens soltas da toxicoddependência em movimento. Quem sabe se a toxicoddependência não pode, ela própria, reflectir imagens soltas de uma sociedade em movimento? De um esboço de compreensão do toxicoddependente na sua relação consigo próprio e com a sociedade, situar algumas linhas de orientação e de posicionamento institucional.

Se a toxicoddependência reflecte o sintoma de um profundo mal estar social, a sua erradicação é tão ilusória como o desejo do toxicoddependente de suspender o consumo sem sofrimento e sem mudança. A resposta à dor não conduz à elaboração, da mesma maneira que a resposta institucional só atenua e responde à necessidade de estancar a ferida. A mudança vem de dentro na medida que se criem condições para ouvir, elaborar e integrar o sentido comunicado pela palavra. A mudança virá da comunidade quando o sentimento gregário devolver ao cidadão a noção de que a mudança começa em si, com o contributo de todos, num corpo social enquadrado, protegido e protector.

Enquanto tal não for possível a imagem que, em espelho, a toxicoddependência nos devolve, será no mínimo inconveniente.

Palavras Chave: Toxicoddependência, contextos sociais, corpo pessoal, corpo social, pele psíquica, dor.

RÉSUMÉ: Le miroir d'une institution a reflété une scène banale du quotidien: des images détachées de la toxicomanie en mouvement. On se demande si la toxicomanie ne pourra refléter elle aussi des images détachées d'une société en mouvement. A partir d'un essai de compréhension des rapports du toxicomane avec soi-même et avec la société, l'auteur suggère quelques lignes d'orientation et nous transmet le point de vue institutionnel sur le problème.

S'il est vrai que la toxicomanie est le reflet d'un profond malaise social, il n'est pas moins vrai que son éradication devient aussi illusoire que le désir qu'éprouve l'utilisateur de drogues de mettre fin à la consommation sans souffrance et sans qu'il change son comportement. La réponse à la douleur ne conduit pas nécessairement à son élaboration de même que l'essai de solution institutionnel ne fait qu'atténuer la blessure et répondre au besoin d'étancher la plaie.

Le changement vient de l'au-dedans au fur et à mesure que des conditions sont créées pour écouter, élaborer et intégrer le message que les mots essaient de transmettre. Le changement se produira chez la communauté lorsque le sentiment grégaire sera capable de rendre au citoyen la conscience qu'il faut que le changement se produise d'abord en soi-même avec l'apport de tous, dans un corps social encadré, protégé et protecteur.

Tant que cela ne deviendra pas possible le moins que l'on peut se dire c'est que l'image de la toxicomanie qui nous est transmise par le miroir est une image qui nous gêne.

Mots clé: Toxicomanie, contextes sociaux, corps personnel, corps social, peau psychique, douleur.

ABSTRACT: In a daily common scene of an institution, a mirror reflected loose images of drug addiction in movement. Who knows drug addiction may not itself reflect loose images of a society in movement. From a rough-draft of understanding of the drug addict in his relationship with himself and with the society, place some guidelines and of institutional positioning.

If drug addiction reflects the symptom of a deep social ailment, its eradication is so illusive as the drug addict desire for leaving consumption without suffering or change. The answer to pain doesn't lead to elaboration, as well as institutional answer just softens and answers to the need of drying up the wound. The changement comes from inside although conditions to hear, elaborate and integrate the sense communicated by words is created. Changement will come from the community when gregary sense returns to the citizen the notion that changement begins in oneself with the contribution of all in a framed social body, protected and protector. While this will not be possible the image that, in the mirror, drug addiction returns to us will be at the least, inconvenient.

Key words: Drug addiction, social contexts, personal body, social body, psychic skin, pain.

1. Imagens introdutórias

Havia um espelho ao fundo da sala. Na realidade não era bem uma sala. Era um ginásio. Na realidade não era um espelho qualquer, era toda uma parede que devolvia aos ocupantes a sua imagem em movimento. Maria olhava-o a medo, passando a mão pelo peito, esfregando os braços, com uma expressão de tristeza. Podia ler-se nos seus olhos "Meu Deus, como estou feia, magra, sem peito". Um pouco mais atrás Carlos pedala ofegante sobre a bicicleta. Ainda quer ir fazer mais uns abdominais e levantar pesos. Está no fim do internamento e quer "encher" um pouco mais enquanto pode. Fazer músculo, dar força àquele corpo marcado. O espelho? Bom, o espelho é inconveniente. Devolve-lhe uma imagem muito longe do vigor que já sentiu. Sem o efeito dos medicamentos, com 6 dias de alimentação "normal", recuperou já uns quilos e a energia que tenta esgotar em desespero de tempo perdido. Inácio nem sequer olha o espelho. Estendido na marquesa entrega-se ao cuidado dos técnicos que suavizam o mal estar que irradia de todo o corpo em sofrimento. Com poucos dias de internamento, arrasta o corpo como um pesado fardo. A dor fá-lo questionar o tratamento. Mas não dispensa aquelas horas em que, como um bebé, se sente cuidado, seguro, nas mãos fortes que não têm rosto. Não há propriamente uma relação com elas, apenas o desejo que nunca parem, que se eternize aquele momento. A sessão conjunta começa, e os exercícios sucedem-se como uma exploração de um corpo abandonado, que revela segredos a cada nova passagem. Para uns são descobertas agradáveis de poder fazer ou sentir coisas que já não acreditavam serem possíveis. Para outros é o limite, a distância entre o querer e o poder. "Não vá tão depressa, tem muito tempo. O que não conseguir hoje, conseguirá amanhã." Pressa? O espelho reflecte um corpo que perdeu metade dos seus anos de vida enfiado na "merda". Amanhã? É um conceito abstracto que tem sido impossível integrar no seu percurso de vida feita de passagens ao acto, indistintamente dirigidas para dentro e para fora. Na dinâmica criada pelos exercícios, o espelho devolve a imagem de um grupo algo indiferenciado. Brincam como crianças, riem-se de si e dos outros, relaxam e aliviam tensões. E no final, são palavras o que esforçam por encontrar para comunicar aos outros o que o corpo em acção acabara de exprimir tão espontaneamente. Palavras que os

fazem sentir em comunhão de experiências, em cumplicidade em movimento. Quando saem, geralmente agradavelmente cansados, deixam a nu uma sala. O espelho reflecte os limites das 4 paredes, como uma pequena fortaleza agora vazia. A protecção que oferece é cíclica e temporária, focalizada, restrita no espaço e no tempo. O espaço parece maior. Sozinho na sala, o espelho reflecte agora o terapeuta, pensador, silencioso, talvez equacionando o que ocorreu na sessão, talvez regressado ao seu plano de simples humano que tem uma vida que apenas parece parar enquanto ali está. Pelo seu deambular, percorre os cantos da sala, tocando ao de leve sobre o material que se espalha, em plena ordem por todo o ginásio. De um ângulo é possível ver reflectidos no espelho, laivos de uma cidade que lá fora se apressa. Para além das gentes no seu dia-a-dia, vê-se a azáfama do trânsito, o colorido dos cartazes e das iluminações de natal. Tempo de compras, tempo de alto consumo. Mas esse... esse é normal.

Este longo preâmbulo permite conjugar algumas das temáticas que se pretende desenvolver neste artigo. Numa vulgar cena do quotidiano de uma instituição um espelho reflectiu imagens soltas da toxicodependência em movimento. Quem sabe a toxicodependência não pode ela própria reflectir imagens soltas de uma sociedade em movimento.

2. Imagens de dor

O toxicodependente apresenta-se na consulta externa à deriva, agitado pela dor. O pedido centra-se no sofrimento físico, aquele que é visível. O pedido concreto é "eu quero parar" traduzido para vocabulário corrente em "alivie-me". A dor que sente não é aguda, no sentido que não desaparecerá rapidamente. Também não é crónica, na medida que não é algo com o qual deva aprender a viver para sempre. É ciclicamente aguda. É a constante recordação de uma vida cujo sentido é a supressão dessa mesma dor.

Vivemos numa sociedade que evoluiu cientificamente para o controlo da natureza. Na medicina, na bioquímica, a ciência conduziu o homem à supressão da dor e do mal estar, ao prolongamento da vida, à distanciação do fantasma da morte. O cidadão comum percorre os seus dias esquecido dos seus limites, impregnado de uma inconsciência maníaca de eternidade. A dor física cai em si como

uma pedra no charco. A beleza da imagem reflectida distorce-se, devolvendo o espanto da descoberta da fragilidade. "Ao perder a confiança elementar no seu corpo, o indivíduo perde a confiança em si e no mundo" (LeBreton, D. 1996)

O percurso do toxicodependente espelha esta relação. As substâncias só são postas em causa pelo mal estar físico que proporcionam. É o corpo dorido, o limite para a fantasia onipotente do toxicómano. Enquanto a falência não se instala, o corpo é um instrumento na gestão do conflito interno, na supressão da crise, no equilibrar das pulsões. O pedido de ajuda é apenas o desejo de ser devolvido à ausência de dor. O excesso da falta, impossibilita dar corpo ao desejo e agi-lo para além da necessidade, do banal e da mentira, num plano onde o pensamento e o conhecimento acompanham o movimento e a procura. É um pedido vazio de relação que encerra em si próprio a primeira impossibilidade. Nas palavras de Ali Magoudi (1989), na paragem, o toxicodependente regressa "da falta de TER, à falta de SER". A sua dor confere-lhe uma referência, um estatuto, um sentido. Na sua ausência, o toxicodependente confronta-se com o vazio. A resposta ao pedido não dá qualquer espaço à elaboração. A dor que emerge na ausência do sofrimento físico é ainda mais intolerável. O trabalho de reconstrução interior dá espaço à abordagem terapêutica, mas frequentemente o contexto não está criado para o questionamento pessoal. "Ajude-me mas não me toque, tire as substâncias mas não mexa comigo. Deixe-me ficar no banal onde as emoções estão adormecidas, anestesiadas". O tema de fundo mantém-se no plano da dependência.

3. Imagens vazias

O corpo vazio, anteriormente preenchido e movido através de uma substância quente, retoma, na sua ausência, o confronto com a angústia de despersonalização. A substância parcial é absorvida sem preencher. A sua reposição não se prende com a perda de efeito da substância mas com a necessidade de preencher o frio relacional e moral. A mudança de registo, do preenchimento temporário para a reconstrução interna, para injeção de afectos, sentimentos e emoções esbarra com a rigidez da pele psíquica que envolve o toxicodependente. O mundo objectal marcado por uma excessiva agressividade - real ou

psicológica - conduziu à construção de barreiras sólidas e intransponíveis. A pele limita rigidamente o fora e o dentro, distancia o afecto invasivo, protege das agressões do mundo. A própria disponibilidade para a troca e para o toque é limitada na medida em que esta é geradora de maior instabilidade. O mundo interior organiza-se precocemente em torno das fronteiras. Nada entra que instabilize, mas também nada entra que preencha. A falência do *holding* é compensada pela aplicada manutenção das fronteiras. O cuidado funcional garante a aparente coesão de um corpo.

A devolução da porosidade à pele é uma tarefa lenta. A palavra que sara a alma terá temporariamente que dar espaço para outras abordagens que abram caminho ao sentido do que é dito. "Um simples toque, um olhar que se fixa, um contacto pele a pele - imaginário ou real - é suficiente para promover a acalmia, para provocar o sono artificial, libertar o pensamento, o afecto, o discurso." (Didier Anzieu, 1974) Lentamente desbloqueiam-se novas portas de entrada libertando o corpo do primado do visível e do visual, garantindo o retorno ao sentido dos sentidos, ao cheiro, à textura, ao movimento. O grupo substitui o *holding* materno, e a partilha de emoções comuns redobra o sentimento de pertença e de segurança. Aos poucos, o agir dá lugar ao "pensar sobre", o corpo bruto dá lugar ao corpo com sentido e significado. A palavra ganha espaço para penetrar a fronteira.

Também aqui a toxicodependência reflecte imagens do real. A perda de sentido, o primado do visível, a efemeridade dos objectos - externos ou internos - é uma consequência da modernidade. A posse é temporária. O rendimento económico de uma sociedade, aumenta com produtos/objectos que se trocam ciclicamente. Vende-se o carro no final do *leasing*, a tecnologia é ultrapassada num curto espaço de tempo, o que se estraga é substituível e não reparável, ... como as relações. A publicidade injecta-nos produtos que não necessitamos, os *mass média* banalizam as emoções e o sofrimento fazendo deles notícia e espectáculo. Mac Luhan (1968), a propósito da compreensão dos *média*, afirmava: "a utilização prolongada e demasiado estimulada de um só dos nossos sentidos isola e amputa os outros, provocando uma espécie de estado de estupidificação que prende os telespectadores aos *écrans*".

4. Imagens desfocadas

Institucionalmente, o trabalho sobre a toxicodependência não se limita à reconstrução pessoal e individual. Cada vez mais ele ultrapassa as barreiras do tratamento e centra-se na promoção dos valores em falência. As palavras de Didier Anzieu (1974) são em grande medida o esforço que preconizamos nas escolas em prole do desenvolvimento pessoal e social, com objectivos preventivos. É do jogo e do brincar que se parte para a descoberta de novos papéis, novas facetas, novos limites da relação. Longe do treino e dos programas, longe da informação, a exploração dos temas e o ensaio de atitudes é desencadeado em contextos com sentido para as diversas faixas etárias na sua linguagem própria. A mudança necessária numa perspectiva temporal é devolver significado ao que é pessoal e próximo, reequacionando a importância das auto-estradas de informação que nos colocam mais próximos do que se passa a milhas e mais longe do que acontece mesmo debaixo dos nossos pés, nos prédios que partilhamos com desconhecidos, nas comunidades que engrossamos mas nunca chegamos a constituir.

Estar fisicamente perto do objecto e, contudo, longe imaginariamente é um compromisso conseguido de múltiplas maneiras nas sociedades modernas. O toxicodependente fá-lo sob o efeito farmacogénico. A gestão do espaço relacional é feita através de uma barreira invisível fornecida pela substância simultaneamente libertadora e aprisionante. Preso à relação de objecto parcial, o toxicodependente raramente se aventura em geografias desconhecidas. Um doente descobria, a dado ponto de uma sessão, que em 25 anos de existência e desde o tempo que se lembrava de ser autónomo, os seus percursos eram rotineiros, os locais previsíveis. Ainda que alimentasse o sonho de descobrir novos locais, algo o impedia de se dedicar à exploração da sua própria cidade natal. "Como se tivesse um elástico invisível nas costas, o meu raio de acção é limitado e conduz-me sempre a casa". Como se de uma separação incompleta se tratasse, a diferenciação é parcial, a necessidade de controlar e ser controlado pelo objecto é regra da relação. O outro, não sentido como securizante, é insuficientemente contentor, apenas uma tábua bi dimensional a que se pode agarrar para não se afundar mas que também não arrisca largar em busca de maior protecção e envolvimento.

A prevenção deve remeter novamente para o arriscar da relação, a procura da profundidade, da 3ª dimensão. Se as substâncias surgem aos olhos dos adolescentes como desafio e prova iniciática de conteúdo ordálico, é função institucional promover o espaço de aventura, a vivência da vertigem. Numa estrutura em mutação crítica, o adolescente necessita confrontar-se com a disparidade de referenciais - razão biológica para a sensação vertiginosa - viabilizando a procura de pontos de consistência no seio de um grupo, que lhe devolvam o sentimento de existência conquistada, de pertença respeitada. Só assim se integrará num mundo de adultos assumindo um papel activo na construção e manutenção da comunidade em que vive.

5. Imagens desconexas

A toxicodependência existe e sempre terá que existir. Tal como na psicopatologia, o sintoma é a comunicação de um conflito interno, ela é apenas a face visível do sofrimento social. O desejo de bani-la, que a sociedade moderna alimenta, não se distancia em nada do desejo do toxicodependente de se ver aliviado da sua dor sem nada mudar. A construção de novas instituições, a formação de novos técnicos, a disponibilização de mais recursos poderão não ser mais do que respostas parciais, o anestésico para a dor de cabeça que atenua uma angústia não denominável.

Numa formação recente em que trabalhava com professores primários pedi-lhes que imaginassem um corpo do qual fariam parte. Cada um seria um órgão ou uma faceta desse órgão - no caso de repetições. Nesse corpo assumiriam o papel que considerassem mais importante ou mais consentâneo com as suas características pessoais ou com as preocupações que, de momento, mais os orientassem. O corpo formado, naturalmente incompleto, era contudo bastante realista. Existia um cérebro de facetas múltiplas que iam desde o desejo de conhecimento, ao comando e até mesmo ao controlo das emoções ou porque não das pulsões. Existiam olhos que viam o belo e o feio, que se ligavam às emoções e ao controlo, olhos que olham outros olhos e outros corpos. Havia também mãos que trabalhavam, protegiam, criavam e exploravam, extremos de braços fortes e defensores, garantes de segurança. Havia ainda, corações que sentiam, bombeavam, davam vida. Outros órgãos estavam ainda representados. O nariz, a

boca, as pernas e os pés, os rins e os pulmões. Mas para além de ser um corpo assexuado, era marcante a ausência de um invólucro, uma pele unificadora, ponto de chegada e de partida de toda uma sensibilidade proprioceptiva, contentora do mundo interno, dos bons e dos maus objectos. Este corpo, constituído a partir dos papéis e das preocupações de profissionais, fundamentais no trabalho preventivo, transmite a imagem da ausência de limites, de inconsistência, de desunião, um corpo exposto, indefeso, condenado a um prazer passivo fixo no que os olhos lhe transmitem, o cérebro lê e, simbolicamente, o coração sente. Se é esta a imagem que a nossa sociedade transmite do seu corpo social, deverão as nossas crianças e adolescentes serem capazes de, por si, próprios alterar esta realidade?

6. Imagens inconvenientes

O inconveniente espelho da toxicoddependência devolve-nos imagens do banal, concreto e vazio quotidiano da cidade. Se os números imperam, se há uma indução ao consumo - qualquer que ele seja - se a noção do tempo

parece ter encurtado, que estranho é SER, que natural é TER. Enquanto pessoas, olhando este espelho miramos os contornos, as marcas, o visível, não pelo prazer de habitar o corpo nele reflectido, mas pela ausência de tempo para olhar-mos para dentro, em profundidade. Um espelho destes corre sérios riscos de integridade. Partimo-lo, guardamo-lo no sótão, banalizamo-lo na câmara dos horrores ao lado de tantos outros espelhos ou liberalizamo-lo do seu peso comunicador e acusador? Porque nós, não resistiremos a perguntar-lhe quem é o mais belo e arriscamo-nos a não gostar da resposta. Há demasiado de nós nas suas imagens. ■

Raul Melo

Psicólogo Clínico

C.A.T. das Taipas - S.P.T.T.

Endereço de Contacto:

Centro das Taipas

Rua das Taipas n.º 20 - 1250 LISBOA

Telefone: 347 41 14/5/6/7 - Fax: 347 23 48

B I B L I O G R A F I A

AMARAL DIAS, C. - "O que se mexe a parar" - Ed. Afrontamento 1979 - PORTO

- "Ali Babá - Droga: uma neurose diabólica do século vinte - Escher - 1991 LISBOA

ANZIEU, D. - "Le moi-peau" in Nouvelle Revue de Psychanalyse nº 9 Ed. Gallimard, 1974 PRINTEMPS

FREDA, F.H. - "La toxicomanie: un symptôme moderne" in G.R.E.T.A. (Eds.).Le toxicomane et ses therapeutes - Navarin Editeur, 1989 - PARIS, pp.114 - 120

GUILLERAULT, G. - "Le Corps Psychique" - Ed. Universitaires - 1989 - GEDIT

Le BRETON, D. - "Antropologie de la douleur" - Ed. Métailié - 1995 - PARIS

MAGOUDI, A. - "L'object drogue" in G.R.E.T.A. (Eds.).Le toxicomane et ses therapeutes - Navarin Editeur, 1989 - PARIS, pp.103 - 113

MELO, R. - "O Prazer aquém do Corpo" in Toxicodependências, S.P.T.T. (Eds) nº 2, ano 2, Junho 1996 LISBOA

SAMI-ALI - "Corps réel, Corps imaginaire", Dunod, 1984 PARIS
- "Le corps, l'espace et le temps", Dunod, 1990 PARIS

XIBERRAS, M. - "La societe Intoxique" - Meridiens Klincksieck - 1989 - PARIS